

## **Espetáculos Fúnebres e Personalização<sup>1</sup>**

José Carlos Rodrigues<sup>2</sup>

### **Resumo**

Com o desenvolvimento do capitalismo no Ocidente e posteriormente com o desaparecimento das referências do real, quando a técnica começou a se tornar um modo de representar e de pensar o mundo, foram se eclipsando os antigos e surgindo novos ritos e mitos fúnebres. Nos casos mais extremos desses novos rituais e desta nova mitologia, para que não se pense sobre morte o morto poderá até mesmo aparecer em cerimônias fúnebres como vivo: lendo um jornal, assinando um cheque ou montado em uma motocicleta. Nos novos tempos já não se falará mais sobre morte, sobre continuidade da vida em outro lugar, ou se o fará cada vez menos. Ao lado desse silenciamento, paradoxalmente, a morte estará mais presente do que nunca: representada nas páginas dos jornais, nas telas das televisões e dos cinemas, nos computadores. Vivida no trânsito, nas guerras, nas catástrofes...

### **Palavras-chave:**

Individualização; espetacularização; morte; mitos; rituais.

### **Corpo do trabalho:**

Na Idade Média a morte era algo comum. Embora causasse sofrimento nos sobreviventes ainda não provocava as grandes aflições que iriam caracterizar o antes e o depois dos falecimentos entre o século XVIII até a primeira metade do XX no Ocidente. Nos tempos medievais não se concebia que ruptura radical se desse entre a vida e a morte: a concepção geral era de que a morte consistisse em um sono individual e coletivo. Ao lado disso, imaginava-se que os falecidos iriam acordar no paraíso: no dia do Grande Despertar, homens e mulheres despertariam ao mesmo tempo, todas as gerações levantando-se para viver juntas.

Esse grande ressurgir, como tudo mais na Idade Média, era imaginado como coletivo: todos iriam se erguer gloriosamente de suas sepulturas, mil anos sentidos como se apenas uma noite houvesse passado. Os falecidos deixariam os túmulos – de corpo e alma – para viver ao lado da corte celeste e desfrutar de uma vida eterna em comunidade. Todos seriam salvos, exceto pequena minoria (hereges, sacrílegos, regicidas, pagãos, suicidas,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Culturas Urbanas do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor no Departamento de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

traidores...). Philippe Ariès (1977: 31-2) relembra, a propósito, uma lenda a respeito de homens que ressuscitaram anos depois de morrer, apenas para assegurar os vivos de sua futura ressurreição: “os santos se levantaram e se saudaram, pensando que tinham dormido apenas uma noite”. Depois, dizem para os presentes: “creiam-nos, é para vocês que Deus nos ressuscitou antes do dia da grande ressurreição (...) nós estamos verdadeiramente ressuscitados e vivemos. Ora, assim como a criança no ventre de sua mãe vive sem sentir necessidade, nós também vivemos, repousando, dormindo, sem experimentar sensações”.

Na cena mais ou menos padronizada de morte na Idade Média, como foi fixada na literatura e na iconografia, a pessoa que ia morrer se recolhia ao leito, cercado de amigos, parentes, vizinhos e mesmo de animais. Ouvia os participantes, oral e publicamente saldava dívidas, regularizava contas, dizia seu testamento, fazia em público a confissão de seus pecados. De certo modo, presidia o próprio ritual de falecimento: ao conduzir a confraternização dos presentes e transmitir suas riquezas, era a autoridade da ocasião. Uma cena quase totalmente leiga, pois nela não havia ainda a interferência de um poder diferente do da comunidade: a morte ainda não era controlada pelo padre e pela Igreja, como amplamente seria a partir do século XVIII, nem, como acontece hoje, individual, solitária e em segredo, apropriada pelos médicos e pelos hospitais, submetida ao pessoal técnico e aos equipamentos.

A publicidade da morte na Idade Média representava principalmente um ideal de boa morte, pois era assim que se desejava morrer. A que se temia era exatamente a sorradeira, diferente do que viria a acontecer alguns séculos mais tarde, em nossos tempos, quando será comum repetir com boas intenções um “ainda bem que ele não se sentiu morrer”. Ao contrário, temia-se nos idos medievais aquela morte que, por fulminante, prejudicasse o cerimonial; aquela que, por repentina, contivesse implícita e gravada em filigrana a sugestão de ruptura com.

\*

A ascensão do capitalismo trouxe à luz novas concepções sobre a morte. Com estas emergiram novos comportamentos e sentimentos. A noção de inferno surgiu no século XV, fortaleceu-se e difundiu-se nos seguintes, firmando-se sempre mais intensamente como instrumento de repressão. Entre outras funções, o inferno passou a servir como um controlador dos excessos daqueles que costumavam a exagerar na autonomia de si. O individualismo que engatinhava com o capitalismo incentivava a independência do eu, de forma que o sentimento de autopossessão muitas vezes favorecia que os indivíduos

esquecessem de que ainda pertenciam a uma comunidade. O simples fato de ser cristão foi deixando de ser garantia da entrada no céu e a segurança de vida eterna deixando de ser automática.

Símbolos novos apareceram na cena, expressando a maneira recente de encarar o após a morte. Um exemplo é o julgamento final representado por uma balança: em um dos pratos, depositadas as boas ações; no outro, os cometimentos ruins do moribundo. O lado que mais pesasse definiria uma eternidade de penas ou venturas. A crença era de que cada pessoa seria pesada desse modo em seu derradeiro instante, com sua vida individual sendo submetida a um “balanço”. Outra imagem nova foi a de um livro como significante de “vida”. O *liber vitae* transmitia a mensagem de que o viver de cada um corresponde mais ou menos a um texto que vai sendo escrito, palavra por palavra, linha por linha, página por página. Enquanto se escreve, nada está decidido. Em cada página está a oportunidade de construir uma vida admirável; mas também em cada linha é possível colocar tudo a perder. Assim, a derradeira palavra assume importância colossal. Pode-se estragar uma vida virtuosa aferrando-se demasiado às coisas terrenas; pode-se salvar uma vida dissoluta pelo arrependimento moral e pela generosidade material. Essa nova simbologia mostra o quanto uma cerimônia coletiva vai aos poucos se transformando em algo de foro individual e íntimo. Angustiante também, pois, antes e após a hora da morte ninguém poderá saber o destino de si ou dos entes queridos. Será que quem viveu uma vida pecaminosa realmente se arrependeu? Aquele que levou uma vida virtuosa pôs tudo a perder? Tudo isso agora pode acontecer “comigo”. Aparece então o medo de não ser salvo. A antiga tranquilidade se dissipa, transforma-se em algo ameaçador.

O imaginário do capitalismo, portanto, fez do ser humano um proprietário privado de si mesmo, responsável exclusivo por sua biografia e por seu destino: agora é ele quem pode se salvar ou colocar tudo a perder. Até o final, e mesmo após, a vida estará sujeita à interferência do indivíduo. Cada vez mais ele passará a ser senhor dessa vida terrena, que agora nada é mais do que o desdobramento do tempo de sua individualidade particular. A consequência é que ele passará a pensar na morte durante toda a vida - cada um preocupado com a salvação de si. A morte, doravante, será aquela que Philippe Ariès chamou de “a morte de si”. É por este caminho que começará a envenenar a vida.

Tudo isto é muito coerente com a premissa fundamental do capitalismo - a da posse de si. Neste sistema cada ser humano é concebido como dono de si, de sua iniciativa. Cada qual é encarado - imaginariamente ao menos - como uma espécie de proprietário privado de

seu corpo, de sua vida. Cada homem é visto como sendo livre para alugar sua força de trabalho, negociá-la no mercado, investir em si, administrar-se como uma empresa, ter interesses estritamente particulares. Em contrapartida, é entendido como o responsável único e solitário por si mesmo e por seu destino.

Esta premissa individualista evidentemente trará imensas dificuldades para a relação do ser humano com a morte. Afinal esta é cruel e inapelavelmente dissolução do indivíduo na espécie. Compreensível, então, que a partir desta premissa se inicie o afastamento da morte. Crescentemente a partir do século XVIII não somente ela será temida pelo moribundo no instante final mas também durante toda a vida. A cena da morte não mais poderá apresentar a antiga serenidade: os momentos derradeiros serão cada vez mais dilacerantes, uma emoção quase incontrolável passará a afligir os participantes e as bênçãos, as recomendações finais, as orações e os sacramentos de outrora tornar-se-ão praticamente inviáveis.

Aqui é importante destacar três mudanças que os historiadores da morte observaram. Um: o sofrimento da morte adquire uma expressão inédita no Ocidente, permitindo - e mesmo exigindo - gemidos, gritos, soluços, desmaios, vontades de morrer e de partir com o morto. Dois: a morte torna-se menos pública, passa a ser acessível apenas aos amigos e parentes mais chegados. Três: as decisões sobre a morte, que antes eram tomadas pelo moribundo, agora passam a ser responsabilidade da família. Dependendo dos vários contextos sociais, essas mudanças começam no século XVII e têm seu ápice nas primeiras décadas do século XX.

Tais transformações - o desenvolvimento da noção de indivíduo e o afastamento social da morte - farão com que nas décadas finais do século XIX apareçam novas formas de relação com a morte. No dizer de Phillipe Ariès a morte será então invertida, escamoteada, ocultada, vergonhosa e suja. Em síntese, este será o modelo que se projetará sobre os nossos dias, modelo que pôde ser chamado pelo grande historiador de “revolução fúnebre”. Segundo este padrão, a morte, que sempre foi considerada algo muitíssimo importante nas sociedades ocidentais, passa a ser vista com aparente indiferença, vai desaparecendo do mundo do dia a dia e ilusoriamente tomará o caminho de tornar-se nada.

\*

No nível das práticas funerárias, podemos perceber o processo de individualização materializado em um verdadeiro pipocar de túmulos individuais. Nos casos mais extremos desta tendência, mas ainda expressando algo dos antigos costumes medievais de enterrar os

mortos nas igrejas ou em seus entornos, não foram poucas as ocasiões em que os riquíssimos ou poderosos fizeram erguer igrejas apenas para nelas sediarem suas sepulturas particulares. Os túmulos constituem veementes documentos a materializar a história do individualismo e das mudanças nas mentalidades e sensibilidades que a acompanharam. Mostram com toda evidência que com o correr dos séculos cada vez menos as pessoas se contentavam em continuar vivendo apenas a vida eterna celestial. O próprio ato de assinalar a passagem por este mundo celebrando-a com um monumento individual sugere a vontade de permanência material no aqui.

Não foi incomum que as primeiras sepulturas privadas se equipassem de pequenos tetos, fazendo-se mais ou menos parecidas com uma residência na qual se vive com a família. Estes tetos, como símbolos, remetem à ideia de abrigo, de proteção e de conservação do corpo: tentam impedir que as águas das chuvas e que os rigores solares deteriorem o conteúdo; arvoram que algo se mantenha; dão a entender o sonho de abolir a decadência. Outras vezes, reverberando ainda as ideias medievais sobre a morte como sendo sono, os túmulos serão encimados por estátuas representando alguém que dorme. Mas este indivíduo não permanecerá muito tempo apenas deitado sobre a sepultura: expressando a recusa de morrer, antecipando a teatralidade de algumas *funeral homes* norte-americanas contemporâneas, logo o morto-que-dorme transformar-se-á em morto-que-age, pois sobre os jazigos começarão a surgir estátuas de pessoas praticando atos de vivos: ajoelhando-se, rezando, lendo...

Este novo túmulo não se limita a ser uma cova pertencente a um indivíduo ou a uma família. Passa a ser também monumento, aparato semiótico com propósitos comunicacionais. Aos poucos se transforma em um imenso e patético fervilhar de sonhos e de desejos - sobretudo de permanência. Por isso, já que se destinam a alguém que pretende continuar vivendo, os caixões passarão a ser feitos com material bastante resistente, fazendo contraste com os simples lençóis medievais. Neste decorrer o ataúde poderá vir a conter encaixados um ou dois ou mais caixões interiores, que conterão um “corpo”, nunca um cadáver. Analogamente, as sepulturas não serão mais como as medievais com os corpos colocados quase diretamente no chão, mas construídas com as pedras mais resistentes. E suas partes interiores passarão a ser forradas com cimento ou outros materiais isolantes.

Os adornos sepulcrais também passam a revelar que o ocupante daquela habitação não se sente à vontade em sua casa. Por exemplo, logo que surjam as condições técnicas,

começarão a aparecer fotos do morto sobre o lugar em que está enterrado. Mas estas fotografias não mais serão as antigas máscaras realistas moldadas sobre a face do morto e que capturavam a expressão do último estertor. Tão sincera evocação da morte doravante não mais se admite e as antigas máscaras acabam substituídas por retratos muito anteriores da pessoa morta, mostrando-a quando saudável e com juventude. Em suma, não mais se dorme serenamente nesta casa, porque seu habitante é alguém que não quer morrer. O epitáfio deixou de ser o medieval, coletivo, dirigido a todos os vivos por todos os mortos, que ainda podemos testemunhar nos cemitérios urbanos do século XIV e que permanece nos nossos dias em alguns dos antigos. O novo epitáfio passou a ser um dizer individual, endereçado aos vivos (às vezes também ao morto) e que objetiva exaltar as virtudes perenes do morador. No começo, eram frases curtas nesses epitáfios. Aos poucos, estimulados pelos exageros que o desespero propicia, começam a se apresentar como verdadeiras biografias que narravam realizações, sucessos e propriedades do ocupante. Pateticamente, o proprietário da residência teme a crueldade do esquecimento.

Com o correr dos séculos também os destinatários das mensagens da sepultura serão privatizados. A razão disso foi que cada vez mais se reduziram aos familiares aqueles que se lembravam de prestar culto ao túmulo particular. Fácil de entender, pois o jazigo passou a ser cada vez mais uma habitação privada, isto é, um lugar que diz respeito a um número menor de pessoas. O destino do sepulcro individual se definiu, pois, desde a sua origem: crescentemente interessar a menos gente, os familiares. Este processo de diminuição tendeu a ser agravado pelo fato de que na história europeia os grupos parentais se inclinaram a ser menos numerosos, em virtude das transformações por que passou a família ocidental. Além disso, na medida em que se desenvolve o individualismo, os “próximos” intrinsecamente terão cada vez menos esta qualidade. Somem-se a tudo isso as transformações de mentalidade e de sensibilidade que ocorreram especificamente no que diz respeito à morte: estamos já muito longe da sepultura medieval, que tocava à afetividade comunitária. Agora, indiferentes, desatentos, os demais indivíduos passam com relativo desdém junto à sepultura individual.

\*

Nos últimos anos pudemos observar uma crescente exposição da morte em filmes, programas de televisão, reportagens com fotografias e mesmo manifestações de doentes terminais transmitidas por internet, como foi o caso de Timothy Leary. Vamos tratar desta questão adiante, mas no momento importa observar que apesar disso ao longo dos séculos a

tendência principal foi de a morte ir tornar-se menos visível no dia a dia. A supressão do luto nas roupas, a redução drástica da imposição de sacramentos últimos, o cancelamento dos itens piedosos nos testamentos, a pouca importância dedicada aos dias de luto nos calendários cívicos e religiosos testemunham que a direção dominante foi transferir a morte para o exterior da sociedade.

É paradoxal que as coisas possam ser assim, pois vivemos na sociedade talvez mais mortífera que a humanidade já produziu. Basta considerarmos seus recursos bélicos e suas relações com o ambiente. Não obstante isso, morrer tornou-se aparentemente pouco familiar, deslocado para asilos e hospitais, afastado dos vizinhos e das crianças. A família também se transformou: foi ficando menos comum que os doentes encontrem em casa alguém que a eles se dedique. A vontade de ter um ambiente doméstico sadio para as crianças acabou fazendo quase impossível a coexistência destas com seres fracos, decrepitos, enrugados, decadentes. Isto vale também para as pessoas idosas, consideradas quase como representantes vivos da morte. Os grupos domésticos desejam ambientes asseptizados para si, para seus idosos e para os doentes; mas a casa não é considerada suficiente asséptica para estes, nem estes esterilizados o bastante para o recinto familiar. Resultado: a família os transferiu para as empresas de saúde e para os asilos, assim como acabará transferindo o morto para as empresas funerárias. Os doentes são agora transportados para espaços que, quanto mais são assépticos, menos têm a dizer. Os hospitais transformam-se em lugares em que o paciente passa por ritos de desinvestimento e mesmo de degradação até o ponto em que vê diluir-se quase totalmente a individualidade - perde o nome, vira número, transforma-se em caso de uma doença particular, objeto de nova forma de tratamento (vovô, por exemplo, para os idosos). O “indivíduo”, etimologicamente significando “o que não pode ser dividido”, acaba fragmentado em órgãos com existências independentes.

Nos centros de tratamento o corpo se transformou em objeto de uma linguagem que o indivíduo não pode mais compreender. Tornou-se referente de uma língua especializada, muito diferente daquela da vida cotidiana. Os aparelhos de informação médica passaram a desenhar do corpo um mapa tão detalhado que, no limite, ele acaba substituído pelas imagens de si, substituição que muitas vezes termina por apagar as diferenças entre mapa e território. O paciente (termo nada arbitrário) passou também a ser escondido, escamoteado nos centros de tratamento intensivo. Neste esconderijo, gerido por máquinas, tubos penetram-lhe por todos os orifícios, aparelhos obrigam-no a respirar, purificam-lhe o

sangue, cuidam de sua alimentação, das batidas do coração, do trabalho das células cerebrais. Tudo se passa como se o corpo se transformasse em uma espécie de prótese de si mesmo, sem interior ou exterior.

Nos cemitérios desapareceram igualmente as referências do real. Primeiro os outrora campos santos foram cercados com muros; depois, expulsos das cidades. Hoje muitas vezes estão sendo projetados como parques em que o repouso dos mortos se associa ao imaginário ecologista de regresso à natureza. Estes *Friedwälder*, como são conhecidos na Alemanha, não são exatamente parques, mas também não podem ser imediatamente identificados como cemitérios por alguém distraído. Neles as sepulturas tendem a ser disfarçadas e tornam-se silenciosas para que a morte não revele a face. Os cortejos fúnebres igualmente desaparecem, engolidos pelo cenário urbano. Deixam de ser as pequenas e cotidianas procissões que peregrinavam pelos principais pontos da cidade, fazendo publicidade da morte e tornando-a visível. Já não é mais possível ver as carruagens puxadas por cavalos que com solenidade e sonoridade características dominavam o ambiente. Também se fundiram na paisagem os inconfundíveis automóveis funerários, que sempre atraíam as atenções. Quando existe, o atual cortejo fúnebre, como o cemitério-parque, mal pode ser percebido. O furgão funerário cada vez menos é identificado como tal e se perde em meio a todos os outros veículos. Pelo mesmo caminho estão desaparecendo paulatinamente as condolências, as visitas, as derradeiras homenagens. Obedecendo à mesma lógica, também começam as pessoas a disfarçar a expressão da dor, sobretudo quando em público. E o luto passa a ser encarado como uma questão individual que é de bom tom manter em foro íntimo.

A morte desaparece também das preocupações cotidianas. Na nova mentalidade o falecimento de um jovem tornou-se algo indeglutível e mesmo escandaloso. Tacitamente passou-se a imaginar que apenas pessoas de elevada idade deveriam morrer, vitimadas pelas chamadas “causas naturais” – aquelas sobre as quais a ciência pode agir para impedir ou postergar os efeitos. Uma decorrência da localização da morte na velhice é que o não velho passará a sentir-se dispensado de se preocupar com a morte, autorizado, portanto, a levar a vida como se fosse amortal. Acontece, entretanto, que a nossa cultura reverencia o novo e a juventude. Ocupa-se cada vez mais em descobrir modos de prolongar a vida, de conservar beleza e saúde. Este culto à juventude nos leva paradoxalmente a admirar nos velhos a jovialidade que eventualmente apresentem, mesmo muitas vezes em detrimento de sua vivência ou de sua sapiência. Por este caminho sobra pouco espaço para se falar ou pensar a

respeito da morte, de maneira que pessoas cada vez mais numerosas passam a se considerar jovens e uma quantidade sempre mais expressiva de idosos começa a se ver com mocidade. Igualmente silenciam sobre a morte.

A esperança de eterna juventude também porta a marca de desaparecimento do real, característica da visão de mundo burguesa. O burguês não quer se acreditar mortal e para sustentar esta ficção aciona um sem-número de dispositivos semióticos, a começar pela petrificação do fluir temporal. Operando uma verdadeira revolução nas concepções de tempo vigorantes na era medieval, o capitalista inventou o tempo linear, com tudo o que este tem de fugacidade e de irreversibilidade. Entretanto, de modo paradoxal, o burguês se amedronta diante de sua própria criatura, temendo a crueldade deste tempo irreversível e fugaz que tudo quer destruir. Resultado compreensível disto, o ser humano da era capitalística buscará pateticamente congelar este tempo que ele inventou fugaz, linear e irreversível. Para isto, construirá suas sepulturas com a perenidade dos materiais mais resistentes. Adiante, de acordo com a mesma lógica, em vez de flores naturais preferirá as de plástico: não fenecem, permanecem sempre idênticas a si, imitam sempre mais perfeitamente as reais, vivas e naturais. Principalmente (mas este é um efeito que ele não quer para si), as flores de plástico autorizam que os vivos se preocupem menos com a vida dos mortos.

No sonho de aqui ficar, antes de partir o burguês tentará assinalar sua presença na Terra com obras, com realizações e com propriedades. Criará dispositivos literários, como as biografias e, mais tarde, as autobiografias. Retratar-se-á na fixidez nas estátuas. Iludir-se-á com a permanência de seus retratos, que vão se tornando cada vez mais numerosos depois do Renascimento. No afã de perenizar a própria visão de si, procurará fixar a autoimagem nos autorretratos. Espalhará espelhos por seus ambientes, objetos extremamente raros até então, particularmente quando capazes de refletir um corpo inteiro. E o olhar, reflexivo, de si para si mesmo, passará a rivalizar com o olhar do outro para si, até o ponto de ficar mais importante do que este último. Nos nossos dias, cada vez mais, para mitigar a angústia que a linearidade do tempo acarreta, o burguês entregar-se-á à simulação de ciclicidade temporal que fotos e filmes permitem. Depositará o correr do tempo no ilusório sentimento de conservação propiciado por arquivos, registros, museus... Procurará ser “original”, mesmo (ou principalmente) que sua originalidade seja incompreensível para os demais. Raciocinando com base na saúde e na higiene, tentará suprimir todo rastro do fluir do tempo biológico, procurando expulsar qualquer evidência de decomposição. Apesar de

todo este arsenal semiótico, seus esforços serão insuficientes e não será possível a realização da utopia de perenidade. Então ele deixará progressivamente de pensar na morte e de nela falar. Passará a viver como se não existisse morte. Viverá sem ter noção consciente e nítida de suas fronteiras existenciais. Terminará com pouca noção de si próprio, embora - à primeira vista - em uma sociedade individualista isso possa parecer um imenso paradoxo. Viverá como se fosse implicitamente amortal - para relembrar a expressão altamente precisa de Edgar Morin (1970).

A desrealização da morte contida neste anseio de amortalidade talvez tenha encontrado seu apogeu em costumes presentes em empresas funerárias nos Estados Unidos, nos quais é possível surpreender cerimoniais que teatralizam algo que poderia parecer um velório. Muito longe ainda de serem frequentes, apesar de não serem difíceis de encontrar, como se se tratasse de uma comemoração ou de um *vernissage*, os convidados se reúnem na sala em que o defunto está exposto para um inusitado ritual de celebração da personalidade morta. Um princípio básico da etiqueta desta cerimônia deve ser observado pelos presentes: expressões que lembrem morte estão banidas com rigor. O morto deve ter aparência de vivo: maquiado e bem apessoado. Para isto recorre-se a procedimentos de “tanatoestética”, pretendendo-se que o falecido apresente-se o mais parecido com o que foi. Muitas vezes, acomodado em uma poltrona ou em pé e apoiado em uma escrivaninha de trabalho, agirá: preencherá um cheque, lerá um jornal, falará ao telefone... Os convidados estão ali para lhe dizer adeus, pois, apesar de tudo, estão em uma cerimônia de partida. Mas de uma partida que não quer acontecer.

Esta arte cultivada nos Estados Unidos se espalha pelo mundo e começa a se tornar menos incomum no Brasil. Aqui a delegação a empresas tem ampla circulação em certos meios sociais, quando se trata de casamentos e aniversários, mas ainda é rara quando se trata das solenidades associadas à morte. O cerimonialista fúnebre pretende cuidar da postura, fazer pausas meditadas durante as leituras religiosas ou apologéticas e administrar o tipo de olhar a ser dirigido ao público. Nas dependências de uma destas empresas funerárias no interior de São Paulo, por exemplo, tapetes persas e castiçais de prata decoram um enorme salão. Os convidados chegam bem vestidos, são recepcionados por *hostess* e servidos por garçons. Um piano soa levemente ao fundo, enquanto um mestre-de-cerimônias dá início ao acontecimento. Os serviços costumam incluir referências elogiativas ao falecido, que pode chegar ao local dentro de um caixão, em meio a fumaça e efeitos especiais. Ou, então, ser recebido por uma chuva de rosas caídas do céu.

Estes profissionais especializados já oferecem seus préstimos em alguns estados do Brasil. Prometem cuidar de todos os detalhes operacionais a fim de que as exéquias de determinada personalidade sejam um “sucesso”. Preocupam-se em manter o tom de luxo e de civilidade dos rituais. Por exemplo, o detalhe de enviar um cartão de agradecimento aos convidados no dia seguinte. Cuidam de que todos se sintam bem, verificam se alguém tem fome, sede, sono ou precisa de um analgésico. Preocupam-se com a documentação burocrática. Poupam os familiares de todos os aborrecimentos e tristezas que possam ser substituídos por dinheiro. Estas empresas encarregam-se também de dar um toque pessoal do defunto à cerimônia. Por exemplo, escolhem as músicas apropriadas para um encontro sem tristeza, que vão desde *pop*, *rock* ou sucessos das novelas de televisão até cantos de religiões afro-brasileiras, pois uma tendência desses novos rituais é a de ecletismo entre elementos de culturas diversas. Providenciam decoração com as flores preferidas pelo morto ou que sejam mais adequadas à “personalidade” deste. Encomendam o caixão mais sintonizado com o perfil do falecido. Concebem a decoração. Telefonam para amigos e autoridades convidando para a cerimônia. Também cuidam de detalhes sutis, como organizar o espaço de forma que a família tenha lugar junto ao caixão e impedir a aproximação de pessoas indesejadas. Algumas empresas funerárias vão além e oferecem serviços como vídeos de homenagem, indicação de orientação psicológica para lidar com a perda ou mesmo “lembrancinhas” que incluem urnas cerimoniais com partes das cinzas do morto, jóias como suvenires, sinos de vento e relógios de sol com partes dos restos cremados. Alguns vendem até mesmo impressões digitais em prata ou ouro quatorze quilates: brincos, pulseiras, colares ou abotoadeiras com a impressão digital do ente querido.

A palavra-chave que define os serviços prestados pelas empresas funerárias é *personalização*. Evidentemente, os detalhes personalizadores variam tanto quanto os indivíduos. Por exemplo, os fanáticos por motocicletas podem ser mimoseados fazendo a viagem final em um coche fúnebre rebocado por uma Harley-Davidson. Um avô poderá expressar seu adeus aos netos mimoseando-os com saborosos sorvetes. Apreciadores de jardins podem ser homenageados com sementes de flores silvestres. Os ataúdes não precisam mais ser os de madeira sóbria e sombria, pois agora podem ser pintados a mão, além de exibir padrões personalizados e exclusivos: o rótulo de uma marca de uísque, um campo de golfe...

Para injetar verossimilhança nesta teatralidade, a pessoa morta frequentemente é preparada, tratada quimicamente, maquiada, vestida especialmente para a ocasião. A finalidade é passar a sugestão de que está viva, de que mantém seus traços individualizadores, banindo a despersonalização que inevitavelmente decorreria das transformações associadas ao falecimento. Mesmo com excentricidade e espetacularização este passo é indispensável para que os prestadores de serviços funerários honrem a promessa de fazer uma homenagem apologética ao morto, colocando ênfase no seu caráter único, na sua personalidade “extraordinária” e “inesquecível”. As honrarias variam imensamente: vão de caixões decorados com emblemas, marcas de automóveis ou cores dos clubes de futebol prediletos, a velórios temáticos que giram em torno de assuntos como pescaria, seleção brasileira e hexacampeonato mundial de futebol ou vida rural - dependendo dos gostos dos mortos. Para que o funeral seja “do jeito dele”, pode incluir desde caixões e apetrechos funerários ecologicamente corretos até a contratação de um helicóptero que sobrevoará o local de enterro para produzindo chuvas de pétalas sobre os participantes.

Há variações – e cada vez mais numerosas - sobre o tema da personalização. Segundo o noticiário, a famosa atriz Dercy Gonçalves fez-se enterrar em pé: era sua vontade mostrar “vida, força e energia”. Do mesmo modo, um rapaz de dezenove anos morreu em um acidente de motocicleta. No velório, aparece embalsamado montado em uma moto, como se a morte não tivesse acontecido, como se tudo não passasse de um sonho. Outro homem, apreciador de bebidas alcoólicas, encomenda um caixão com formato de garrafa de vodca. Um *nerd* merece caixão com forma de CPU de computador, assim como um mulherengo prefere aquele anunciado por mulheres seminuas. Aquele que gosta de ver o mar escolhe ser enterrado em um ângulo específico do cemitério, de modo que da sepultura possa eternamente divisar o oceano. Há também os que, preocupados com a imagem que vão deixar de si, escolhem um enterro ecológico, bastante “natural”, sem o caixão poluente ou as substâncias químicas associadas ao embalsamamento. Morto, um torcedor de futebol é levado pelos amigos para assistir à sua última partida, já dentro do caixão. Uma senhora inglesa, após ter o corpo do finado marido submetido a antigas técnicas egípcias de mumificação para fins de filmagem de um documentário para televisão, declara: “Sou a única mulher do país que pode dizer que tem um marido múmia”. Com essas estratégias de personalização, não estamos também diante de estratégias de dissimulação?

\*

Se hoje a própria vida tende a se espetacularizar, o mesmo tende perfeitamente a acontecer com os rituais de despedida. Assim, nos novos velórios com alguma frequência se ativam dispositivos de *mise-en-scène*. Alguns ambientes passam a ser equipados com telões, nos quais são redundantemente exibidas cenas do próprio velório além dos “melhores momentos” da vida do falecido: cuidados que fazem do funeral um evento bom para ser comentado durante e depois de sua ocorrência - mas como espetáculo. Na mesma linha, visando a produzir atmosfera especial para a cerimônia, algumas empresas oferecem a possibilidade de efeitos especiais no recinto: por exemplo, lançar fumaças no ambiente. Também é possível que o ataúde surja no velório apoiado por mecanismos invisíveis que propiciam a impressão de que esteja flutuando. Permanece à vista de por algum tempo, até desaparecer no teto, atrás das cortinas, acompanhado por uma chuva de flores e ao som da música-tema escolhida.

Quando se trata de um falecido famoso, esses novos usos podem atingir dimensões verdadeiramente portentosas, como se verificou por ocasião do funeral do astro *pop* Michael Jackson. Naquela oportunidade, as redes sociais – Orkut, Facebook, Twitter etc. – inflaram-se de referências ao falecido. No YouTube, por exemplo, registraram-se milhões de acessos a tudo que dissesse respeito ao astro já nos momentos imediatamente seguintes à notícia do falecimento. Os fãs exploraram todas as formas de manifestações ao vivo ou gravadas, presenciais ou virtuais. Pela mesma razão o Google ficou congestionado. O falecimento em 2009 esteve na pauta da imprensa de vários países e em muitos casos monopolizou o noticiário. O funeral propriamente dito consistiu em um show - no sentido mais literal que possamos imaginar. Tudo concebido para se transformar em espetáculo: câmeras posicionadas de modo estratégico visando a produzir imagens a partir de ângulos privilegiados; microfones dispostos de modo a captar as emoções dos participantes internos e externos; iluminação estudada para produzir climas afetivos e colocar em realce determinadas informações...

Nestes casos o que temos são apelos narrativos dramáticos, depoimentos de personalidades midiáticas, competição entre os veículos visando à liderança de audiência e ao faturamento publicitário, comentários nas caudas dos comentários, dos noticiários e dos entretenimentos, indistinção de limites entre acontecimentos trágicos e alegorias espetaculosas. Outras mortes recentes estão ainda em nossa memória e podemos recordar como foram espetacularizadas: Ayrton Senna, princesa Diana, os Mamonas... A cobertura exageradamente longa dos fatos, a pouca quantidade de informação adicionada, a

baixíssima relevância da mesma, o sempre presente levantar de hipóteses de teor acusatório contra possíveis responsáveis pela morte, a importância dada a detalhes mórbidos, a mitificação da vítima... são características quase indefectíveis nas mortes dos maiores.

O fenômeno em si talvez não seja difícil de entender, uma vez que se sabe que a notícia tem relações íntimas com a mercadoria e que a morte é ambicionada mercadoria jornalística. Não é de hoje que a mídia vende morte. A espetacularização é importante ingrediente para fazer com que as notícias sobre morte sejam salientadas nos programas informativos e de entretenimento e que sejam especialmente embaladas antes de serem consumidas pelo público. A utilização de recursos retóricos - como a dramatização dos crimes pela exposição de detalhes picantes, pelo exagero dos fatos, pela liquefação das barreiras entre realidade e ficção, por um estilo particular de narração - são formas de exaltar a morte como espetáculo e de fazer com que chegue ao espectador da maneira mais espetacular e trágica. Espetacular é a própria sociedade contemporânea. O espetáculo de que fala Debord (1997) não consiste apenas nas imagens, mas também nos rituais políticos, religiosos e nos hábitos de consumo. A mídia expõe seus critérios de noticiabilidade; a partir daí as pessoas passam a produzir acontecimentos que se encaixem nos mesmos. A espetacularização dos funerais atinge também os de pessoas comuns. Assim como se tem espetacularizado as festividades em geral e os rituais, o mesmo parece estar se desenhando no que diz respeito aos funerais.

Tanto no que diz respeito às pessoas comuns como no que toca os astros, esta espetacularização acontece visando a que os participantes saiam das cerimônias fúnebres com a lembrança de um vivo - não de um morto. No limite, os convidados deveriam deixar o velório e ignorando o fato de que alguém morreu. Isto é mais ou menos o que acontece nos *drive thru funerals*, que são estabelecimentos em que é possível passar de carro e apenas assinar o livro de condolências, sem a necessidade de sair do veículo. É também em certa medida o que ocorre nas transmissões *on-line*, que permitem aos ausentes “participar” do velório sem mesmo sair de casa ou do escritório. Com o auxílio das comunidades virtuais, as notas de falecimento, as convocações para as missas, para os velórios e enterros podem tornar-se anúncios capazes de circulação ilimitada, ensejando inclusive a participação de desconhecidos nas cerimônias fúnebres.

Novas formas de se relacionar com a morte aparecem nas redes sociais, espaço em que as pessoas podem tranquilamente simular e dissimular identidades. Ao construir seus perfis, transformam-se elas mesmas em imagens, pois nas redes tende a zero a

diferença entre a pessoa e imagem que projeta de si. Ora, o que acontece então com os perfis criados nessas redes depois que seus donos morrem? Quando se trata de perfis de pessoas mortas é possível, além de trazer à tona o corpo ausente, escrever, remanejar, incluir fotografias, vídeos, fragmentos de vida a partir da morte, dando presença à ausência. Em alguns casos estes perfis se tornam verdadeiros memoriais, nos quais se pode deixar mensagem para o falecido, como se ele ainda estivesse vivo e pudesse lê-la. Como aquele morto que eternamente mira o mar, esses internautas mortos continuariam existindo por suas imagens junto a seus correspondentes. Os demais teriam então a possibilidade de participar de “cortejos” e “velórios” diariamente, de certa forma evitando o sepultamento final. No limite, o que importa são as imagens, os espetáculos produzidos. A vida acaba valendo menos do que a representação da vida. Um jogo de faz-de-conta. Já estaríamos todos, nas redes sociais, antecipadamente mortos e ressuscitados?

Com a hiperritualidade dos funerais, em que os signos, referindo-se incansavelmente a si mesmos, operam no lugar das coisas e resultam em incessantes espirais de representações cada vez mais exponencialmente complexas, não estaríamos nas mesmas estratégias de negação da morte? Estratégias para afastá-la, para sentirmo-nos mais tranquilos, como prometem os anúncios das empresas funerárias? Ao afastar a morte do outro, estarei dispensado de me defrontar com a minha própria? Ao me confrontar com simulacros de morte, que já não mais são morte, afirmo a vida?

Se ficamos livres para continuar vivendo como seres amortais, a morte pode continuar sendo tabu e a vida permanecerá uma caminhada sem fim, ilusoriamente sem limites. Uma vida sem morte? Mas quando não há mais morte, ainda se pode ter certeza de que haja vida? Ou apenas simulacro da vida?

### **Referências bibliográficas**

ARIÈS, P. **L’Homme devant la Mort**. Paris: Seuil, 1977.

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d’Água, 1991.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

MORIN, E. **L’Homme et la Mort**. Paris: Seuil, 1970.